

TEMA: CLÍNICA MÉDICA

Trissomia do cromossomo 21 e os mitos tangíveis à sexualidade desse grupo

Rafaela Alves Fernandes¹, Bárbara Queiroz de Figueiredo¹, Karine Siqueira Cabral Rocha²

¹ Discentes do curso de Medicina (UNIPAM).

² Docente do curso de Medicina (UNIPAM).

E-mail para contato: rafaelaaf@unipam.edu.br.

Resumo: Em relação às pessoas que possuem algum tipo de deficiência intelectual, o tema sexualidade sempre preocupou pais e profissionais. Na síndrome de Down, esta preocupação cresce diante de características genéticas peculiares capazes de comprometer sua reprodução. A socialização, desejos, anseios e frustrações sobre a afetividade que permeiam a vida dessas pessoas requerem atenção especial por parte de todos que lidam com elas. O objetivo do trabalho foi analisar, por meio de revisão de literatura, a sexualidade em portadores da Síndrome de Down, segundo aspectos genéticos e sociais. Para isso, fez-se revisão de literatura e bibliográfica, em que foram selecionados artigos e livros através das plataformas Pubmed, Scielo, BVS e EBSCO, totalizando-se 12 materiais para a revisão. Os descritores utilizados foram os seguintes: "cuidados médicos", "educação sexual", "sexualidade" e "Síndrome de Down". Constatou-se que a sexualidade faz parte do processo de educação global da criança e do adolescente com SD, indistintamente da sociedade e deve ser orientada de acordo com as normas éticas, com metodologia adequada à sua capacidade cognitiva e à faixa etária. Pessoas com SD, como quaisquer outras, requerem o desenvolvimento de aspectos como autoestima, responsabilidades e valores morais, para se tornarem seres sexualmente saudáveis. Portanto, não há evidências significativas de que a Trissomia do 21 cause atraso, exacerbação ou qualquer outro tipo de alteração quanto à expressão da sexualidade em seus portadores. O que a literatura demonstra é que a família que recebe essa criança precisa ser acompanhada por equipe multiprofissional e conduzida de maneira que o portador de SD alcance seu potencial máximo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Cuidados Médicos. Educação Sexual. Sexualidade. Síndrome de Down.

INTRODUÇÃO

A trissomia diz respeito à presença de um único cromossomo extra completo, sendo a maioria das concepções perdidas como abortos. Segundo Schaefer e Thompson (2015), somente três aneuploidias de cromossomos completos (não mosaico) são compatíveis com a vida pós-natal em seres humanos: as trissomias do 13, do 18 e do 21. A Trissomia do 21 (conhecida também como síndrome de Down) foi descrita por Langdon Down em 1866. Estima-se que a Síndrome de Down (SD) ocorra em 1 de 800 nascidos vivos. Os indivíduos com essa síndrome apresentam achados clínicos típicos, como uma aparência facial descrita com um achatamento do perfil facial, nariz pequeno, epicanto e manchas de Brushfield (áreas focais de displasia na íris) (SCHAEFER, 2015).

Os indivíduos com SD podem apresentar, também, uma variedade de problemas de saúde que são importantes de serem reconhecidas, desde o período neonatal (com hipotonia, pouca atividade, excesso de pelo na nuca), até a adultez, com alterações craniofacial (braquicefalia, pregas epicânticas, língua protrusa, orelhas pequenas, fendas palpebrais oblíquas para cima, raiz nasal baixa), de membros (prega

palmar única, clinodactilia, separação entre o primeiro e o segundo artelhos), cardiovasculares (defeitos de septo atrial e ventricular, persistência do canal atrioventricular, ducto arterioso patente), neurológicas (atraso de desenvolvimento psicomotor, risco de desenvolver crises convulsivas até o primeiro ano de vida e doença de Alzheimer na vida adulta, capacidade elevada de sociabilidade, humor alegre na maioria das crianças), entre outras (como, atresia duodenal, risco aumentado para infecções, baixa estatura, estrabismo, hipogonadismo, hipo ou hipertireoidismo, alterações hematológicas) (STEFANI, 2019).

Em relação às pessoas que têm algum tipo de deficiência intelectual, o tema sexualidade sempre preocupou pais e profissionais de atendimento. Na síndrome de Down, esta preocupação cresce diante de características genéticas peculiares capazes de comprometer sua reprodução. De qualquer modo, o ponto central de atenção não está exatamente nas questões de ordem genética. A socialização, desejos, anseios e frustrações sobre a afetividade que permeiam a vida dessas pessoas requerem atenção especial por parte de todos que lidam com elas (MOREIRA, 2002).

Ademais, nota-se que ainda se conserva na sociedade ocidental uma histórica interdição ao sexo e à sexualidade, considerada atributo de pessoas adultas e saudáveis ignorando as manifestações que acompanham o desenvolvimento normal. Assim, o deficiente intelectual está na categoria dos que não têm maturidade necessária para assumir socialmente a condição de ser sexuado. Mas esta não é a realidade, haja vista que o portador de deficiência intelectual atua e percebe sua sexualidade dentro da etapa de maturidade psicosexual correspondente à sua idade mental. Por outro lado, nota-se um mito proposto em que portadores da SD reproduzem comportamentos sexuais aflorados como consequência da alteração cromossômica (MOREIRA, 2002).

OBJETIVO

Analisar, por meio de revisão de literatura, a sexualidade em portadores da Síndrome de Down, segundo aspectos genéticos e sociais.

METODOLOGIA DE BUSCA

Trata-se de uma revisão da literatura narrativa que buscou analisar a sexualidade em portadores da SD, segundo aspectos genéticos e sociais. Para a busca das obras, foram utilizadas as palavras-chave presentes nos descritores em Ciências da Saúde (DeCS), em inglês: “*medical care*”, “*sex education*”, “*sexuality*” e “*Down Syndrome*”, e em português: “*cuidados médicos*”, “*educação sexual*”, “*sexualidade*” e “*Síndrome de Down*”. A partir do estabelecimento das palavras-chave da pesquisa, foi realizado o cruzamento dos descritores: Faz-se válido salientar que foram utilizados o operador booleano “AND” em associação às palavras supracitadas.

A pesquisa foi realizada via acesso online nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed MEDLINE), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e EBSCO Information Services, no mês de outubro de 2022. A estratégia de seleção dos artigos seguiu as etapas de busca nas bases de dados selecionadas, leitura dos títulos de todos os artigos encontrados e exclusão

daqueles que não abordavam o assunto, leitura crítica dos resumos dos artigos e leitura na íntegra dos artigos selecionados nas etapas anteriores. Assim, totalizaram-se 12 materiais para a revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

SEXUALIDADE X SÍNDROME DE DOWN

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2006), a sexualidade inclui diversas dimensões, sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. Para falar sobre sexualidade no contexto de Síndrome de Down, é preciso compreender que a puberdade, a maturação sexual e a sexualidade desse grupo ocorrem de forma similar ao indivíduo sem a síndrome, e, assim sendo, tem presente o desejo sexual e, portanto, tem o direito à saúde sexual (MOREIRA *et al.*, 2002).

Todavia, pais e profissionais possuem dificuldade em aceitar e discutirem esse assunto, haja vista que as representações que fazem da sexualidade de pessoas com a SD referem, muitas vezes, a atitudes agressivas ou, então, condutas assexuadas, exclusivamente fundamentadas na afetividade e infantilização constante desses indivíduos (MOREIRA, 2002).

SOBRE A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A principal alteração pontuada quando o assunto é a sexualidade nos portadores da trissomia do 21 é a deficiência intelectual (DI), já que é a causa genética mais comum. A deficiência intelectual da SD costuma ser leve. As crianças e os adolescentes portadores possuem boas habilidades sociais e podem ser incluídos no mercado de trabalho profissionalizante, desde que sejam estimulados com profissionais interdisciplinares, incluindo psicologia, fonoaudiologia e outras terapias específicas (BRASIL, 2021).

Considerando as limitações que o portador da SD possa apresentar, os pais podem contribuir para a educação sexual, transmitindo informações importantes, avaliando problemas potenciais e possíveis soluções ou caminhos, preparando seus filhos para serem indivíduos sexuados. Não há literatura conhecida que demonstre incapacidade do portador da SD de manifestar sua sexualidade (MOREIRA, 2002).

SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

A sexualidade está submetida a regras sociais e deve ser orientada de acordo com as normas da sociedade, devendo ser considerada parte do processo de educação global da criança e do adolescente com SD, como para qualquer pessoa, com metodologia adequada à sua capacidade cognitiva e à faixa etária. Pessoas com SD, como quaisquer outras, requerem o desenvolvimento de aspectos como autoestima, responsabilidades e valores morais, para se tornarem seres sexualmente saudáveis (ZUIN *et al.*, 2018).

De acordo com Souza (1991), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Conforme ressaltado por ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2013), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e/ou adolescentes têm de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade; de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico; de compreender seu próprio comportamento e o do outro. Deve ser preocupação dos pais e educadores que os adolescentes tenham uma educação sexual sadia, pautado em valores e hábitos condizentes com a valorização da vida e com os direitos humanos.

Segundo Pinel (1999), a falta de informações relacionadas à educação sexual pode levar a problemas de interação social e de construção de uma identidade social, o que pode repercutir em entraves emocionais e carências afetivas que, por sua vez, estimulam o desenvolvimento de uma autoimagem distorcida, além de crenças e de expectativas falsas.

Compreender a deficiência intelectual como um fenômeno socialmente construído e abordar a sexualidade como parte integrante, constitucional e formativa de todas as pessoas é o primeiro passo na direção de uma educação sexual adequada que, quando realizada, pode auxiliar as pessoas com deficiência intelectual a encontrarem formas saudáveis de satisfazer seus impulsos, além de diminuir radicalmente os riscos de abuso sexual, de comportamentos socialmente inadequados, de gravidez indesejada e da incidência de doenças sexualmente transmissíveis (MAIA; CAMOSSA, 2003; MAIA, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as pessoas com SD, verificam-se diferentes níveis de maturidade e adequação. Algumas apresentam deficiência intelectual leve, sendo capazes de lidar com seus impulsos sexuais e relacionamentos como a maioria das pessoas. Em outro extremo estão aquelas que, muitas vezes por sua história de vida, com escassez de tratamentos e estímulos sociais, são impulsivas, com dificuldades de lidar com a sexualidade, não diferenciando o comportamento público do particular em atividades como masturbação, com dificuldades na comunicação e na compreensão das interações sociais que fazem parte das relações interpessoais. Torna-se compreensível, nesses casos, a atitude de algumas famílias que, ao mesmo tempo que impedem o desenvolvimento emocional do afetado, sentem-se ameaçadas pelas possibilidades de manifestação de suas pulsões sexuais.

Não há evidências significativas de que a Trissomia do 21 cause atraso, exacerbação ou qualquer outro tipo de alteração quanto à expressão da sexualidade em seus portadores. O que a literatura demonstra é que a família que recebe essa criança precisa ser acompanhada pelo pediatra e conduzida de maneira que o portador de SD alcance seu potencial máximo com a estimulação e orientação precoce durante todo o período do seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- CASTELÃO, T. B. *et al.* Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 32-39, 2003.
- ECOS. Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. **Promover a educação sexual nas escolas**. Instituto Pólis. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/623/623.pdf>. 2013.
- GOKGOZ, C. *et al.* Sexual behaviors and education in adolescents and young adults with Down syndrome: a grounded theory study of experiences and opinions of their mothers in Turkey. **Res Dev Disabil.**, [S. l.], v. 112, n. 1, 2021.
- LUIZ, E. C. *et al.* Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 2, p. 219-238, 2007.
- MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 7, n. 1, p. 35-46, 2001.
- MAIA, A. C. B.; CAMOSSA, D. A. Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 205-214, 2003.
- MOREIRA, L. M. A. *et al.* Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. **Brazilian Journal of Psychiatry**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 94-99, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Sexual and Reproductive Health**. WHO, 2006. Disponível em: https://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en.
- PINEL, A. C. Educação Sexual para pessoas portadoras de deficiências físicas e mentais. *In*: RIBEIRO, M. (org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**, p. 211-226, 1999.
- SCHAEFER, G. B.; THOMPSON, J. **Genética Médica**. Grupo A, 2015. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580554762/>. Acesso em: 09 out. 2022.
- SOUZA, H. P. **Convivendo com seu sexo (Pais e Professores)**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.
- STEFANI, S. D.; BARROS, E. **Clínica Médica**. Grupo A, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582715833/>. Acesso em: 09 out. 2022.
- ZUIN, L. F.; LEÃO, A. M. C. Sexualidade e deficiência: reflexões a partir de um curta metragem. **Revista Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 216-226, 2 set. 2021.